

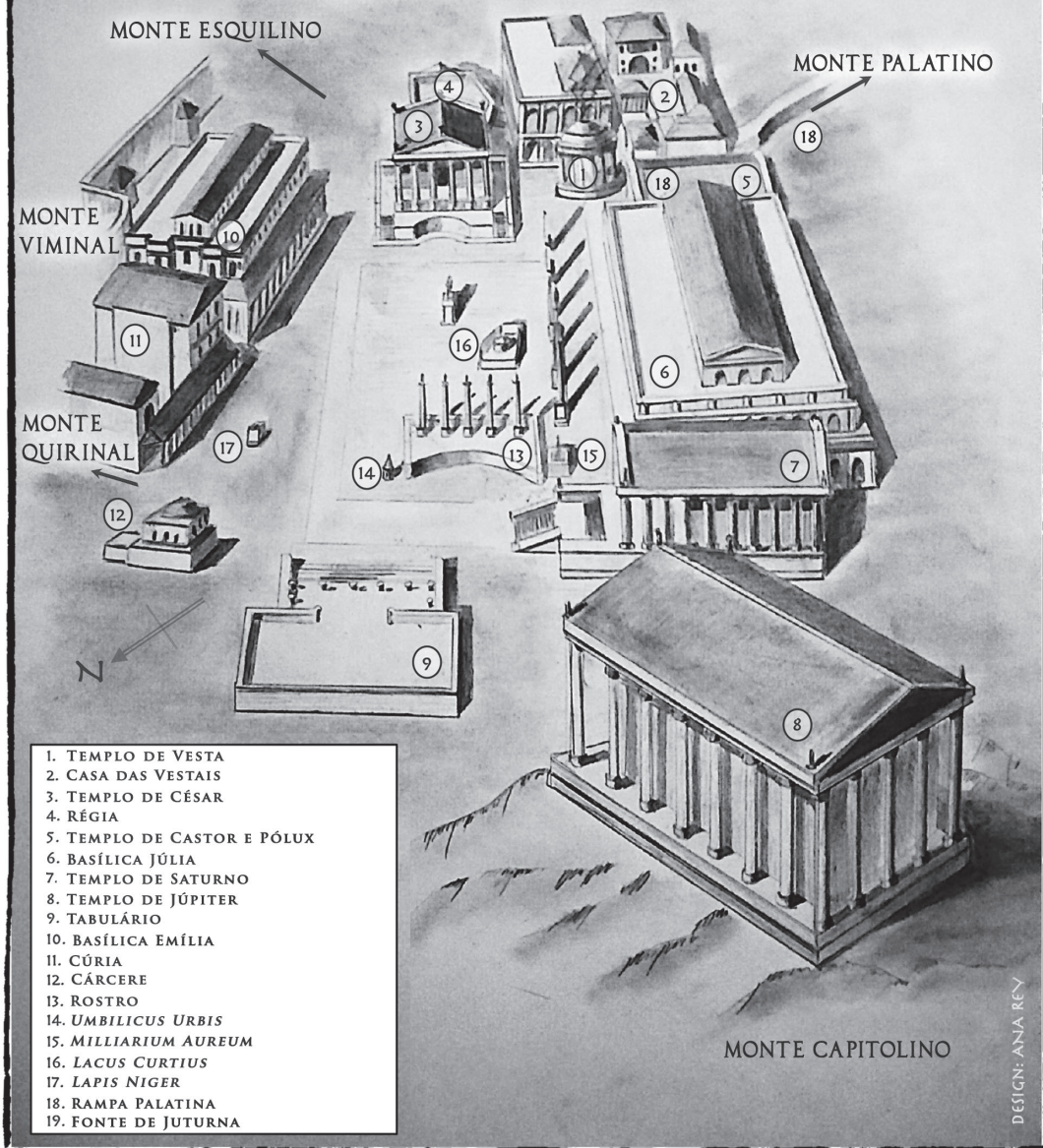
noivas de roma
as virgens vestais — livro um
debra may macleod

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

FORUM ROMANUM AREA SACRA DE VESTA





NOTA DA AUTORA

No início deste livro encontrarão uma ilustração simplificada do Fórum Romano e das estruturas referidas na história.

No fim, incluí uma lista de personagens. Também encontrarão aí outros recursos de leitura fácil, incluindo os nomes dos deuses e figuras míticas referidos no livro, um glossário de latim, outros termos importantes e várias ilustrações com ligação à história e que acredito que serão fascinantes.

Obrigada por lerem.



PRÓLOGO

Campus Sceleratus

O «Campo Celerado» no interior das muralhas de Roma



113 A.C.

Licínia sentiu o sabor acre do vômito que ameaçava erguer-se na sua garganta. Os ciprestes verdes que se espalhavam pela paisagem e o céu azul por cima iam surgindo e desaparecendo na sua visão enquanto tentava manter o equilíbrio. Engoliu com força, mas tinha a boca seca com o calor denso do verão e com o seu horror intenso. Era como ter uma lâmina a perfurar-lhe o pescoço por trás.

Uma lâmina. Rezara à deusa por uma lâmina. Até os criminosos e os gladiadores tinham morte rápida graças a uma espada ou adaga, enquanto a ela, uma venerável sacerdotisa de Vesta, lhe era negada essa mercê. Os seus guardas tinham sido tão bondosos quanto permitia a sua posição, mas nenhum deles se atreveu a trazer uma lâmina às escondidas para o seu quarto, por mais que suplicasse.

Nenhum deles arriscou facultar-lhe aquilo de que precisava para terminar imediatamente o seu sofrimento, mesmo quando, nos seus momentos de maior pânico, se dispôs a desonrar-se e ao seu serviço virginal à deusa, satisfazendo-lhes a luxúria pela mais romba das facas de cozinha.

Sem dúvida que teriam visto o seu suposto amante esfolado vivo no Fórum.

Manchas vermelhas de sangue ensopavam o linho branco da estola que se colava ao seu corpo. As cicatrizes do chicote nas suas costas voltavam a abrir-se. O Pontífice Máximo pegou-lhe no braço e puxou-a para o buraco negro aberto no chão.

Em redor, erguiam-se vários sacerdotes de semblante severo e duas das

suas companheiras Vestais, a dócil Flávia e a zelosa chefe Vestal Túlia, com olhos húmidos e as palmas das mãos erguidas em súplica à deusa.

O buraco negro estava a seus pés. Licínia olhou para o vazio em baixo e sentiu uma coluna de ar rançoso e frio erguer-se das profundezas e colar-se à sua cara. Imediatamente dominada pelo terror e preenchida por um fascínio macabro, pestanejou para a escuridão. Conseguia perceber à justa o primeiro degrau das escadas que desciam, até ao fundo, até ao fim negro da sua vida.

— *Protege me, Dea!* — ouviu-se gritar. Deusa, protege-me!

— A Mãe Vesta acompanha-te.

Foi Túlia quem falou. Contrariava o costume falar com uma Vestal condenada à morte por *incestum*, a violação do voto de castidade, mas o Pontífice Máximo não pretendia recordar o dever de decoro à austera Vestal Máxima. Aquela questão desagradável terminaria em breve, mas ainda precisava de colaborar com ela. Era inútil piorar mais a situação.

A sacerdotisa-chefe recuou e acenou com severidade ao carrasco, um Hércules cujo corpo preenchia o espaço de dois homens. Hesitou por um momento. Era uma *sacerdotisa de Vesta*, afinal. A seguir, estendeu uma mão pouco convicta na direção dela, convidando-a a descer as escadas e rezando a Marte para que ela o fizesse voluntariamente.

Licínia virou-se subitamente para ele.

— Não me toques — exclamou. — Sirvo a deusa imaculada.

O homem afastou a mão.

— Serviste bem a deusa — disse a Vestal Máxima. — Que continues a fazê-lo.

Licínia sentiu o aperto na garganta, mas inspirou profundamente para conter as lágrimas. Olhou a cara de Túlia, inexpressiva no sol intenso, e prendeu o fundo da estola com um braço, afastando as pregas de tecido para conseguir descer as escadas sem tropeçar.

Moveu uma sandália para o vazio negro e sentiu o ar frio e húmido envolver-lhe a pele nua do pé e da canela. Um arrepio subiu-lhe pela espinha enquanto o pé encontrava o primeiro degrau no negrume. Seguiu-se o outro pé. Desceu para o segundo degrau, sentindo as feridas recentes nas costas chicoteadas voltando a abrir-se com o movimento. Desceu para o degrau seguinte. A terra negra ficava-lhe ao nível dos olhos e sujava-lhe os dedos enquanto se agarrava. À vida.

Era tão estranho estar naquele ângulo: fitando as sandálias de pessoas que, cumprido o seu dever, voltariam para Roma nas suas liteiras, com ar fresco ainda nos pulmões, para continuarem o seu dia, falando,

conversando, dormindo e acordando de manhã com a luz do amanhecer. Como lhe pareciam distantes e impossíveis tais coisas naquele momento.

Com o corpo submerso no Hades, Licínia afastou o olhar. Não queria que a sua última imagem fossem as correias tortas das sandálias de um sacerdote. Que escravos imbecis teria. Ou isso ou desprezariam secretamente o seu mestre.

Arregalou os olhos, sedenta de luz enquanto descia as escadas, degrau após degrau, embrenhando-se no poço cada vez mais negro até os seus pés pisarem terra firme. Olhou para cima. A abertura para o mundo superior parecia o disco de uma lua cheia, com o seu brilho branco recortado contra o céu negro.

O coração de Licínia palpitava com tanta força que o seu peito e as costas lhe doíam com a pressão. Não conseguia inspirar fundo. Era como se tivesse uma correia apertada à volta do tronco. Ergueu-se como uma estátua na escuridão, sentindo as patas de arame de um inseto invisível passarem-lhe sobre o pé e temendo olhar em redor. Isso tornaria tudo demasiado real. E ainda não estava preparada para isso.

A escada foi puxada com rapidez. Com demasiada rapidez para tentar agarrá-la. Viu-a subir e desaparecer na luz cegante no alto e, no momento seguinte, viu um cesto descer até ela, suspenso de uma corda longa. Ergueu os braços para o receber e retirou os objetos antes que os do alto pudessem içar o cesto tão depressa como tinham içado a escada.

Um pão redondo. Uma pequena ânfora de água. Uma lamparina de azeite que ardia com uma chama pequena e regular.

Enquanto fitava a chama, ouviu algo raspar no alto e sentiu terra macia cair-lhe sobre a cabeça velada. O seu túmulo era selado.

Olhou para cima. A lua cheia tornou-se uma meia-lua, um crescente enquanto a última luz desaparecia e ficou a sós com o seu medo galopante e com a chama trémula. Túlia tinha razão. Vesta estava com ela. A Vestal Máxima teria, sem dúvida, acendido a lamparina de azeite com a chama sagrada do templo.

Aninhou a pequena lamparina na palma da mão e virou-se lentamente como se sentisse um fantasma de pé atrás dela, olhando o poço silencioso e negro em redor.

Era maior do que esperara e mais ou menos retangular, com paredes lisas de terra. Poucos passos à sua esquerda, havia um pequeno banco e, no chão à sua frente... Licínia gritou. *Um corpo!*

Vestia uma estola fina semelhante à sua, mas estava amarrotada e apodrecida sobre carne decomposta e osso visível. Os braços e as pernas

estavam abertos e o crânio era visível, tal como uma madeixa de cabelo louro desordenado. A boca estava aberta.

Sentindo o sangue abandonar-lhe a cabeça, Licínia ajoelhou-se devagar. Se desmaiasse... e o desmaio estava próximo... largaria a lamparina de azeite e perderia a sua única fonte de luz.

Inspirou algumas vezes o ar estagnado e sentiu-o prender-se ao interior das narinas como uma película hedionda.

Algo lhe captou a atenção, e ela olhou para a direita. Contra a parede de terra, havia mais dois corpos. Estavam dispostos de forma mais digna, com as estolas apodrecidas enroladas com cuidado e respeito em redor e com os véus cobrindo as faces. Osso seco era visível através do tecido.

As palavras da chefe Vestal ecoaram na cabeça de Licínia. *Serviste bem a deusa. Que continues a fazê-lo.*

Pousando a lamparina de azeite com cuidado no chão de terra, avançou até ao corpo estendido da Vestal. Segurou com cuidado os braços descartados e cruzou-os sobre o tronco antes de encolher as pernas putrefactas.

Puxou gentilmente o tecido velho e delicado à volta do corpo, dando o seu melhor com a parca luz para envolver a Vestal com dignidade. Depois de o fazer, empurrou o corpo até repousar contra as outras sacerdotisas. Por fim, cobriu a face da Vestal morta com o linho amarelecido pelo tempo do seu véu.

Licínia regressou com movimentos ponderados até ao sítio onde pousara a água e o pão, trazendo-os até à lamparina e sentando-se à sua frente de pernas cruzadas. Arrancou um pequeno pedaço de pão e ergueu-o sobre a lamparina, deixando cair migalhas sobre a chama.

— Mãe Vesta, a tua humilde sacerdotisa, que te serviu nestes quinze anos com pureza e obediência reverente, honra-te com esta oferta. Ilumina, por favor, o meu caminho até à outra vida.

O calor do dia de verão era uma recordação distante enquanto a pele dos braços nus se arrepiava com o ar frio do poço negro. O silêncio ensurdecido do seu túmulo profundo palpitava-lhe na cabeça, mas, sobre ele, ouviu as palavras de Anaxilau, o seu médico grego.

Não prolongues o teu sofrimento bebendo a água que te darão. Mostra a Hades que estás pronta e ele levar-te-á mais cedo. Até ele consegue ser misericordioso... à sua maneira.

Inclinou a ânfora e viu a água ser engolida pela terra, pingando até ao submundo.

Perdoa-me, deusa, pensou, mas a minha última oferenda terá de ser para Hades.

CAPÍTULO I

Veni, Vidi, Vici
Vim, vi, venci.
JÚLIO CÉSAR



ROMA, 45 A.C.

Sessenta e oito anos mais tarde

Um legionário de capa vermelha erguia-se sobre *Aquila*, a águia dourada de Roma, que se empoleirava altiva sobre um bastão militar alto. Soprou a trompa e gritou:

— Abram alas para o general Caio Júlio César!

O Fórum Romano era o núcleo da vida política, económica e religiosa de Roma. Mesmo num dia de pouco movimento, podia estar apinhado e caótico com a atividade quotidiana de todos, de senadores com as suas melhores togas brancas até escravos de sandálias gastas.

Aquele dia não era de pouco movimento. Era um dia histórico. Era o dia em que as massas poderiam finalmente ver pela primeira vez o seu novo ditador enquanto passasse pela Via Sacra, desde a Cúria, o senado romano, até ao Templo de Vesta, passando pelos altos e multicoloridos templos de mármore alinhados até uma imensa basílica de dois pisos, cuja arcada longa e cheia de lojas se esticava rua abaixo.

Viera gente em magotes para ver César percorrer as ruas empedradas do Fórum, sob a Águia, como se fosse o dono do mundo. E era-o, *de facto*. Assim o afirmava a autoridade que lhe fora conferida como ditador.

Precedido pelos seus lictores guarda-costas e rodeado pelo que parecia ser um pequeno exército de legionários em armadura completa, César acenava aos elementos da multidão que lhe atiravam flores aos pés e ignorava os que não o faziam.

Alguns amavam-no. Alguns odiavam-no. Era indiferente à maioria. Desde que as suas barrigas continuassem cheias e houvesse vinho para beber, desde que aqueles malditos gauleses barbudos não soltassem os seus gritos de guerra às portas da cidade, a vida era boa.

Enquanto o robusto cortejo de César passava a Basílica Emília, vários soldados convenientemente posicionados desfraldaram estandartes carmesim dos arcos e colunas da sua longa arcada. Os estandartes caíam como uma sucessão de cortinas de teatro, cada uma decorada com um medalhão dourado de Vénus no centro. Vénus, a deusa de quem César afirmava descender.

— César não poupa o espetáculo — disse uma mulher impressionada à sua amiga.

A amiga debruçou-se.

— Ouviste a canção que os seus soldados cantam sobre ele?

— Não, mas imagino...

— É assim: *Para casa volta o nosso velho mulherengo! Romanos, escondam as vossas esposas! Todo o ouro que lhe deram pagou mais dez pegas no seu leito.*

As mulheres riram em uníssono, continuando a avançar entre a multidão ruidosa, chocando contra corpos e erguendo as estolas para não as sujem nas pedras do chão até ficarem diante do Templo de Vesta redondo e de mármore branco. Coroas de louro verdes pendiam de cada uma das vinte colunas estriadas que o rodeavam.

Dentro do *sanctum* do templo, onde só as Virgens Vestais podiam entrar, ardia a chama sagrada de Vesta, deusa do lar e do fogo doméstico. Sua era a Chama Eterna que protegia a Cidade Eterna. Enquanto a chama ardesse, Roma vivia e, por isso, as sacerdotisas de Vesta olhavam pelo fogo dia e noite.

Pedestais intrincados de mármore esculpido erguiam-se ao longo da sinuosa Via Sacra e em redor do recinto sagrado do templo bem guardado. Sobre cada pedestal havia uma taça de bronze reluzente que continha um fogo aceso com a chama eterna dentro do *sanctum*.

As mulheres avançaram entre a multidão até ficarem diante de um dos braseiros. Era um aprazível dia de fevereiro, mas arrefecia quando as nuvens cobriam o sol. Certamente, a deusa não se importaria se aquecessem as mãos com a sua chama imortal.

A que cantara voltou a cantar: *Júlio César sabe agradecer à sua...* Mas parou a meio quando uma das portas de bronze em relevo se abriu e uma

mulher severa de estola branca e cabeça velada desceu os degraus. Era conhecida das duas. Todos a conheciam. Era a Suma Sacerdotisa Fabiana, que servira como Vestal Máxima, a líder da ordem Vestal, durante décadas. As duas mulheres e todos em redor caíram de joelhos.

Quando a chefe Vestal se deteve no último degrau de mármore, foi imediatamente abordada por dois centuriões armados, com as suas capas escarlates emoldurando-lhe a estola branca.

O mais velho dos soldados retirou o elmo de plumas vermelhas e baixou a cabeça.

— Grande Senhora — disse —, devemos acompanhar-te?

— Sim — respondeu a Vestal. A sua voz era mais leve do que sugeriam os seus setenta e seis anos. — Obrigada.

O trio esplêndido dirigiu-se para o pórtico de colunas da Casa das Vestais adjacente, o lar grandioso e luxuoso a passos do templo, onde as sacerdotisas viviam durante os seus anos de serviço a Roma.

Enquanto a Vestal passava, homens e mulheres ajoelhavam-se diante dela sobre o empedrado, erguendo as mãos. Ouviu-se um coro de murmúrios.

Por favor, pede à Mãe Vesta que proteja o meu filho que combate na Gália...

Preserva a minha família, Suma Sacerdotisa...

Abençoa o casamento da minha filha...

O meu filho está doente. Por favor, pede à deusa que o salve...

A Vestal puxou a pala de linho que trazia sobre os ombros e revelou um punhado de hóstias sagradas, a oferenda tradicional de farinha salgada à deusa. Enquanto passava pelos suplicantes ajoelhados, acompanhada pelos seus centuriões reluzentes, depositou estas hóstias nas palmas das mãos erguidas.

— Ofereçam à *viva flamma* — instruiu. À chama viva.

Os suplicantes erguiam-se e iam aos braseiros para fazer as suas oferendas.

Uma trompa voltou a soar enquanto o impressionante cortejo de César chegava ao pórtico da Casa das Vestais ao mesmo tempo que a sacerdotisa.

— Abram alas para o general Caio Júlio César! — gritou um soldado, mesmo que a Vestal apenas se limitasse a revirar-lhe os olhos, como se dissesse: *Sim, todos conseguimos vê-lo perfeitamente.*

Mais soldados empurraram a multidão enquanto César, vestido com a toga branca com barra púrpura larga que simbolizava o seu estatuto e poder,

abria os braços à Vestal idosa. O revirar de olhos dela transformou-se num sorriso quando o abraçou.

Para ela, não era um ditador. Era família.

As portas de madeira ornadas da Casa das Vestais, de um vermelho intenso com rosetas brancas e azuis, abriram-se e os centuriões montaram guarda enquanto César e a Vestal entravam no vestíbulo.

Enquanto o faziam, um dos soldados virou-se para piscar o olho às duas mulheres boquiabertas, que tinham voltado a erguer-se e disputavam um lugar na rua apinhada. A sua couraça de ferro malhado refletia o sol e encheu o peito.

— *Mea Dea* — suspirou uma das mulheres. — Esquece aqueles gladiadores suados a rebolar na areia. — Deu uma cotovelada na amiga. — Vou imaginar este par reluzente de centuriões quando o meu marido se deitar por cima de mim esta noite.

* * *

JÚLIO CÉSAR REPOUSAVA SOBRE UM BANCO DE MÁRMORE ACOLCHOADO no luxuriante átrio retangular aberto dentro dos vários pisos da Casa das Vestais. Sorria para si mesmo enquanto olhava o aglomerado de senadores, sacerdotes distintos e outros convidados patrícios que tinham aceitado o seu convite para se encontrarem com ele ali, no jardim grande das Vestais, para celebrar o seu novo e poderoso estatuto.

— Diz-me, Júlio — disse Fabiana —, devo chamar-te rei, agora?

César sorriu.

— Tentas que me matem, tia-avó?

— Se te quisesse morto, estarias morto. Agora, passa-me uma taça de vinho.

César tirou uma taça de ouro do tabuleiro de um dos escravos e passou-a à Vestal Máxima, sentada a seu lado.

— Sacerdotisa Fabiana, preciso da tua ajuda.

— Eu sei — respondeu Fabiana, pragmática. — Foste nomeado, ou melhor, conseguiste nomear-te *dictator in perpetuum*. Ditador vitalício. Parabéns, *Imperator*. — Olhou-o sobre o bordo da taça enquanto bebia, com os olhos negros mostrando uma centelha da temeridade pela qual era conhecida. Era sempre assim com a suma sacerdotisa. Era bondosa, mas dotada de um laivo de impaciência e candura que resultava de décadas a gerir demasiadas pessoas e personalidades.

— É para bem de Roma — disse César. — Lidaste com o Senado — disse entredentes. — Um bando de velhos ricos muito poéticos acerca das virtudes da República e com o único propósito de encherem as bolsas com mais moeda e de esbanjarem mais terra. Sob o meu comando, Roma será mais república do que foi em décadas.

— Nem todos estão certos disso. Alguns dizem que és o Rei Tarquino renascido.

O centurião ao lado de César arregalou os olhos e pressionou os lábios. Se outra pessoa tivesse dito aquelas palavras ao ditador, a sua cabeça seria prontamente espetada numa estaca.

— Tarquino, com toda a sua arrogância, teria sido melhor senador do que rei. Verás, Suma Sacerdotisa... — Olhou distraidamente sobre o ombro da Vestal enquanto sussurros e excitação contida se alastravam entre os presentes. — Ah, mas basta de falar de reis. Vejo que chegou uma rainha.

Cleópatra VII Filopátor. A notória rainha do Egito estava em Roma há um ano, vivendo na casa de campo de César com o filho pequeno de ambos, Cesarião, alimentando um caudal de rumores escandalosos como a classe alta de Roma não conhecia há gerações.

César não assumira publicamente, não podia fazê-lo, o rapaz como seu. O nariz aquilino da criança e os seus olhos juntos, porém, eram, em si mesmos, uma prova. Eram um reflexo dos traços do general romano.

Como acontecia aonde quer que fosse, Cleópatra entrou no átrio como se lhe pertencesse, passeando superioridade e estilo entre as cliques cacarejantes de matronas e homens da Roma patrícia. O seu vestido longo dourado cingia-se à cintura estreita, curvando-se sobre as ancas e alongando-se pelas pernas abaixo até roçar o chão. Os seus braços estavam nus, com exceção das pulseiras de ouro que lhe serpenteavam pelos braços acima.

O seu cabelo escuro estava apertado num carrapito e, sobre a cabeça, havia um diadema de ouro com o símbolo da sua monarquia, uma cobra-capelo de olhos de rubi, no centro. Tal como ela, a cobra olhava com superioridade para o mundo, régia e pronta para atacar a qualquer momento. Pérolas brancas polidas e joias cintilantes aninhavam-se no seu cabelo preto para criar o tipo de contraste marcante pelo qual a rainha era conhecida.

Com o seu nariz curvo e olhos grandes, não era nenhuma beleza exótica. Seria bonita, no máximo. Mas as suas escravas sabiam bem como acentuar precisamente o seu encanto e camuflar as suas falhas. Movia-se com a graça de um gato e ronronava ao falar.

César e Fabiana ergueram-se. César aceitou a mão da rainha enquanto ela flutuava na direção de ambos.

— Majestade — saudou. — Encanta-me que te possas juntar a nós.

— É o teu grande dia, meu amor — disse ela. — Honra-me partilhá-lo contigo. — Virou-se para Fabiana, com os seus olhos difusos enegrecidos com *kohl* negro e com os lábios avermelhados com ocre estreitando-se num sorriso. — E, para mais, acompanhada pela suma sacerdotisa de Vesta.

— É bom voltar a ver-te, Rainha Cleópatra — disse Fabiana, sem se dar ao trabalho de soar convincente. Ficava demasiado velha para isso.

— César contou-te os seus planos de construir uma grande biblioteca aqui no Fórum? — perguntou-lhe Cleópatra. — Será moldada de acordo com a Biblioteca de Alexandria. Milhares de documentos para estudo, um museu, um jardim público...

— E, claro, um edifício especial para a ordem Vestal — concluiu César. A velha sacerdotisa riu-se.

— O sacerdote Lúcio diz-me que também prometeste construir um imenso templo a Marte. Onde encontrarás tanto mármore?

— Bom, se recusares pedi-lo a Vesta por mim, terei de pedir à minha antepassada, Vénus. Ou pedirei a Cleópatra que interceda por mim junto de Ísis.

— As mulheres imortais amam-te tanto como as mortais — disse Fabiana, sorrindo. — Terás o teu mármore, sem dúvida. E agradar-me-á que assim seja, Júlio. O prazer pertence entre os templos.

— Nisso concordamos, Grande Senhora — disse Cleópatra. — Sacerdotisa Fabiana, diz-me, que te parece a ditadura de César? És sua parente e conhecerás o seu coração. Não é para o bem de Roma? Estou há um ano na vossa cidade e, nesse tempo, vi as coisas melhorarem. O policiamento das forças de César tornou as ruas seguras. A sua contabilidade baixou os impostos para a gente comum. A amizade entre o Egito e Roma encheu o estômago dos romanos com cereal egípcio. Até adotaram o nosso calendário...

— A Rainha Cleópatra deu-nos muito — disse Fabiana. — Talvez Sua Majestade deva ser ditadora de Roma além de faraó do Egito?

César bateu com a mão na perna ao ouvir o gracejo da sua tia.

— Conseguiria fazê-lo. — Escolheu uma azeitona recheada no tabuleiro de um escravo que passava e enfiou-a na boca, arregalando os olhos enquanto avistava uma sacerdotisa jovem que lhe era familiar.

Como todas as Vestais na festa, vestia uma estola branca e um véu que lhe cobria a cabeça. A sua escrava pessoal, uma beleza grega de cabelo

castanho-arruivado cinco ou seis anos mais velha do que ela e com um belo vestido verde, erguia-se obedientemente atrás da sua senhora.

— Ah, Sacerdotisa Pompónia — disse César. — Aproxima-te. Também celebras um grande dia, não?

— Sim, César. Surpreende-me que recordes tal coisa.

— Como poderia esquecer? — Gesticulou a um criado para que entregasse uma taça de vinho a Pompónia. — Cleópatra, a jovem Sacerdotisa Pompónia celebra hoje dez anos como Vestal.

— Isso é significativo? — perguntou a rainha.

— As Vestais servem a deusa durante trinta anos, Majestade — disse Pompónia. — Estudamos durante os nossos primeiros dez anos como noviças. Depois disso, somos consagradas como Vestais plenas que se ocupam da chama sagrada e executam rituais públicos. — Apesar de ser alguns anos mais jovem do que Cleópatra e de estar a falar com uma rainha, a Vestal não demonstrava na sua voz qualquer indício de subordinação.

César engoliu o vinho da sua taça de ouro.

— A Senhora Pompónia e eu temos uma história partilhada — disse casualmente a Cleópatra. — Como Pontífice Máximo, recomendei-a à ordem quando era uma criança de sete anos. — Virou-se para Pompónia. — Lembro-me do dia em que proferiste os teus votos — disse. — Depois de a Sacerdotisa Fabiana te cortar o cabelo para envergares o véu, levei as madeixas à árvore *Capillata* e pendurei-as nos ramos. Ainda consigo vê-las sopradas pela brisa.

— É uma tradição melhor para os pássaros do que para raparigas pequenas — disse Pompónia, sorrindo. — Sem dúvida que algum pardal fez um belo ninho com o meu cabelo. Mas voltou a crescer. Está outra vez comprido. — Puxou o véu para mostrar o cabelo castanho e, com demasiada informalidade e sem pensar: — César, onde está a Senhora Calpúrnia?

Percebeu imediatamente o seu erro. Todos sabiam que Calpúrnia, a mulher de César, evitava funções públicas se existisse a possibilidade de a amante egípcia do marido estar presente.

Pompónia engoliu em seco com tal força que Quinto, um jovem sacerdote de Marte, a pouca distância, ergueu as sobrancelhas e a olhou com reprovação nos olhos.

— Receio que Calpúrnia esteja adoentada — disse César.

— Farei oferendas à deusa pela sua saúde — disse Fabiana.

— Obrigado — disse César. — Que bondosa. — O seu olhar fixou-se

na escrava de Pompónia, que se erguia em silêncio atrás da sua senhora, com a cabeça baixa e as mãos unidas. Era mais alta do que Pompónia, com uma face lindamente angulosa e feições naturalmente marcadas que impressionavam mesmo sem maquilhagem.

— E como estás tu, Medousa?

— Estou bem, *Imperator*.

O sorriso de Cleópatra tornou-se ainda mais tenso.

— Não te sabia tão familiar com escravos, César.

— Esta é especial. Eu próprio a comprei no *Graecostadium* na manhã em que a Sacerdotisa Pompónia proferiu os seus votos. Pareceu-me uma bela escrava para uma Vestal. Perfeição física e educação esmerada. — César estendeu a mão para tocar o pendente de Medusa, a górgone com cabelo de serpentes, pendurado ao pescoço da escrava. — Chamei-lhe Medousa pelo talismã que trazia — explicou. — Medusa, para afastar o mal. — Os seus dedos descreveram um círculo no pendente.

Pompónia não tinha certeza, mas pareceu-lhe que o corpo inteiro de Cleópatra ficara tenso.

César virou-se para Fabiana com um sorriso triste.

— *Tempus fugit* — disse. O tempo voa. — Que daria eu para reaver esses dez anos. Estava em batalha, mas a minha armadura não era tão apertada.

— Há dez anos, ainda conseguia subir os degraus do templo sem os joelhos me estalarem mais do que o fogo sagrado — disse Fabiana.

Todos se riram.

Pompónia expirou e olhou sobre o ombro, tentando evitar olhares trocados com os seus companheiros. Notou que o grande advogado e orador romano Marco Túlio Cícero falava com alguns homens perto de um dos lagos decorativos do átrio. Acenou-lhe educadamente. Pompónia sorriu e retribuiu o aceno, com os olhos brilhantes cor de avelã e os traços delicados descontraindo.

Gostava de Cícero. Defendera com sucesso o irmão de uma Vestal anos antes e falou em defesa da concessão de ainda mais privilégios e proteções à ordem. Sentou-se, uma vez, a seu lado na arena, durante uma caçada encenada particularmente espetacular, quando era uma rapariga. Os jogos tinham celebrado uma importante vitória militar de Pompeu Magno e tinham incluído a chacina de mais de vinte elefantes.

Pompónia ainda ouvia os seus urros. Gritos, na verdade. As bestas gigantes tinham demorado tanto a morrer. Uniram-se, com os mais velhos a tentar proteger os mais jovens.

Quando Pompónia afastou o olhar, Cícero acariciou-lhe a mão. *Pensamos o mesmo, Senhora Pompónia, segredou-lhe. Os jogos têm o seu propósito, mas também não encontro aqui qualquer prazer. Na verdade, tenho suspeitado muitas vezes de que os animais têm muito em comum com a humanidade. Seguramente, semelhante carnificina não agradará aos deuses.*

Um completo animal político, Cícero era um dos senadores que tinham aceitado o convite de César para estarem presentes naquele convívio. Como a maioria dos senadores, venerava a República Romana e torcia o nariz à mão que César lançara ao poder. Ao contrário de alguns senadores, porém, estava disposto a comer e beber com o ditador de Roma para permanecer no jogo.

Pompónia ficou tensa quando Marco António, o brilhante mas rude general de César, avançou até ao senador e lhe cobriu os ombros com um braço. António era um homem invulgarmente musculado, com pescoço grosso, caracóis castanho-escuros e uma face endurecida por anos a marchar ao sol em campanhas militares.

— Então, Cícero — bradou António. — Que ouço eu sobre a recusa de Cleópatra em enviar-nos alguns dos livros prometidos? Todos falam do mesmo! Deuses, parece-me que esta cidade terá problemas maiores, não? Com o nosso novo ditador e tudo o resto... — Espetou um dedo no ombro de Cícero e olhou para o outro extremo do átrio para perceber o que Cleópatra teria ouvido.

— Um mal-entendido — disse Cícero. Puxou a cabeça para trás, evitando o fedor a vinho do hálito de António e esquivando-se aos esforços do general para atizar um conflito declarado.

— Bravo — bradou António. — Esquecer e perdoar, há?

— A escolha dos sensatos — disse Cícero, sabendo que António não esquecia nem perdoava. — *Mea sententia*, general.

Pompónia virou-se novamente para os companheiros. Com Fabiana, César e a Rainha Cleópatra embrenhados em conversa que esvoaçava entre política, vinho e astronomia, decidiu que era o momento para fazer uma retirada discreta. A política era cansativa.

Atravessando o jardim, seguida por Medousa, refugiou-se no peristilo colunado que cercava o átrio. Parou numa sombra inclinada projetada por uma estátua alta de uma sacerdotisa Vestal morta há muito.

E, mesmo sem lhe dar a satisfação de retribuir o seu olhar de reprovação, sentia ainda os olhos críticos do jovem sacerdote Quinto fixados nela.

* * *

O ÚLTIMO DOS CONVIVAS PARTIRA. AS SACERDOTISAS VESTAIS FABIANA E Pompónia sentavam-se languidamente no átrio enquanto escravas limpavam sem ruído em redor, recolocando mesas e bancos nos seus sítios adequados e pescando lixo dos tanques do jardim.

— Arrefece — disse Fabiana, cansada. — Retiro-me.

— César nunca me perdoará — disse Pompónia. — Acredita que tento ser esperta.

Fabiana alisou o véu à volta da face suave da Vestal mais jovem.

— César conhece-te desde que eras uma criança — assegurou. — Conhece o teu coração. E é suficientemente vivido para perceber a diferença entre juventude e malícia.

— Porque escolheu vir aqui hoje? Porque não celebrar na sua casa?

A velha sacerdotisa suspirou.

— Enviava uma mensagem ao povo e ao Senado. Quer que saibam que tem o apoio das Vestais. Não esqueças, Pompónia, que a chama eterna de Vesta suporta a própria Roma, e cabe-nos a nós alimentá-la. Mude o que mudar, com ditadores nomeados e derrubados, independentemente de doença ou devastação que se alastre pelas nossas ruas, o fogo sagrado continua a arder. Conforta o povo. Tranquiliza-os que a deusa ainda os proteja e a Roma. É a única constante num mundo em mudança. Foi por isso que procurou a minha ajuda. Quer que as pessoas saibam que o seu mundo não mudará na sua ditadura.

— O que quer que faças? — perguntou Pompónia.

— Que me erga com ele no Rostro durante o seu discurso amanhã — replicou Fabiana.

— Vais fazê-lo?

— Não.

— Porque não? Se o povo precisa de nós, que mal fará? César não é teu familiar? Sempre apoiou a nossa ordem.

— O nosso dever é para com a deusa e não para com César — disse Fabiana. — Nunca o esqueças. — Puxou o véu com um suspiro, revelando o cabelo grisalho curto por baixo. Não era algo que a conservadora Vestal Máxima tivesse feito dez anos antes, mas o pátio era suficientemente resguardado e a idade afrouxara a sua rigorosa adesão à tradição. — A ordem Vestal é o mais antigo e venerado sacerdócio na história de Roma — disse Fabiana —, mas isso não impediu que alguns a usassem para os seus

próprios desígnios. — Dobrou o véu no colo. — Nunca poderemos permitir que outros nos explorem. Devemos proteger a chama sagrada... e umas às outras. — Continuou depois de uma pausa. — Um dia, conto-te a história da Vestal Licínia e compreenderás. — Fabiana ergueu-se devagar. — Agora, levo os meus velhos ossos para a cama. *Bonam noctem*, minha querida.

— *Bonam noctem*, Suma Sacerdotisa.

Pompónia apertou mais a pala à sua volta. Arrefecia mais depressa. Olhou em redor à procura de Medousa, mas não havia sinais da escrava. Era provável que limpasse a cozinha ou, mais provável ainda, que supervisionasse outros escravos enquanto limpavam. A Vestal levantou-se, cansada, tirou o véu e agradeceu à deusa por não ter um turno de vigia no templo até de manhã.

Deixou o belo jardim verdejante e passou o peristilo, entrando na grandiosidade do lar das Vestais, uma residência que rivalizava em fausto com qualquer *domus* romana.

Curvou-se para abrir as sandálias e atravessou descalça o chão de mosaicos brancos e laranja, subindo as escadas e, finalmente, entrando nos seus aposentos privativos e bem mobilados para sentir o abraço quente do hipocausto. Duas escravas seguiram-na, trazendo bacias e roupas de dormir frescas, começando a despir e a banhar a sua mestra.

Fora da Casa das Vestais, pela rua empedrada do Fórum vazio e escuro, a grande léctica de Júlio César esperava, imóvel, com vários centuriões de guarda em redor e oito carregadores esperando pacientemente. As cortinas pesadas estavam fechadas com cuidado.

Dentro da léctica, Medousa deitava-se nua sobre uma almofada macia. Os seus olhos fixavam-se no tecido vermelho rico que cobria o teto e no medalhão dourado de Vénus que a fitava do alto.

A pele do pescoço ardia-lhe onde a corrente do seu medalhão de Medusa se cravava na pele. César segurava o pendente nas mãos, enrolando-o cada vez mais aos dedos. Então, essa dor foi substituída por uma dor mais intensa entre as pernas.

César indicou à escrava Vestal que abrisse mais as pernas, e esta obedeceu, fechando os olhos com força para se impedir de chorar enquanto o ditador de Roma a penetrava, encontrando mais uma forma de desfrutar dos prazeres do poder isolado.